

PSICOMOTRICIDADE UMA ABORDAGEM RELACIONAL

* Cláudia Helena S. Jardim

Para compreendermos melhor essa abordagem, é necessário lembrarmos alguns tópicos dentro do histórico dessa ciência, que surgiu no início desse século fundamentada, principalmente, na neurologia e psiquiatria, ficando seu conceito associado basicamente ao funcionamento do sistema nervoso e, conseqüentemente, numa tendência organicista, ou seja, a eliminação dos sintomas através de técnicas muito mecanicistas, sistemáticas, racional e centrada no desempenho da criança. A prática, tinha como suporte, a supervalorização das técnicas, isso ocorria em qualquer linha quer fosse educação ou reeducação psicomotora. Existia uma grande tendência em fragmentar a criança, dividi-la em partes, como se fosse possível tratá-la por setores, esquecendo sua globalidade.

Assim, quando a criança apresentava dificuldades de equilíbrio, aplicavam-se exercícios específicos de coordenação motora, se era mal lateralizada, ia ser treinada sua lateralidade através de exercícios de lateralização, se apresentava problema de escrita, era enfocada a coordenação fina e, por conseguinte, atividades de escrita: tudo isso, reforçando ainda mais a tendência dualista mente-corpo, que levava alguns profissionais a afastarem-se cada vez mais de unidade funcional do ser humano.

Felizmente, através de encontros, questionamentos e, principalmente, uma formação pessoal, que permite um conhecimento de si, de nossas reações corporais, afetivas, emocionais, conhecimento do outro, por parte de alguns estudiosos ligado ao assunto, vem surgindo nos últimos anos, uma necessidade cada vez maior de humanizar esses ensinamentos, tornando-os menos mecânico e introduzindo em sua prática uma visão mais RELACIONAL, levando em conta a globalidade da criança.

Como coloca muito bem B. Aucouturier (1986, pag. 17, 18), a respeito da globalidade: "... quando falo

de globalidade da criança, falo de respeitar sua sensorialidade, sua sensorialidade, sua emocionalidade, sua sexualidade, tudo ao mesmo tempo, de respeitar a unidade de funcionamento da atividade motora, da afetividade e dos processos cognitivos; respeitar o tempo da criança, sua maneira totalmente original de ser no mundo, de viver, de descobrir, de conhecê-lo, tudo simultaneamente".

A psicomotricidade, na sua forma contemporânea, é uma ciência cujo objeto de estudo é o homem, através de seu corpo em movimento, nas relações com seu mundo interno e externo. Visa facilitar vivências de exploração, expressão, aquisição da consciência e do domínio corporal, tudo isso através da relação com o adulto, com as outras crianças e com os objetivos. Partindo-se do afeto, do interesse, da escolha, do encontro, do corpo, do andar, das dificuldades, do emocional, das manifestações mais agressivas; a criança vai progressivamente, sentindo uma mudança na sua organização especial, temporal, no seu ritmo, na sua percepção, na eliminação dos bloqueios pedagógicos, sem necessitar ser dirigida dentro de uma técnica específica.

É baseado nesse novo enfoque, que André Lapiere, (*) vem desenvolvendo, atualmente, trabalhos intitulados Psicomotricidade Relacional, em creche, escola maternal, escola elementar, objetivando a prevenção e profilaxia mental da criança, permitindo e favorecendo o desenvolvimento da personalidade, assim como em diversas psicoterapias (neuroses, psicoses, distúrbios da aprendizagem escolar, distúrbios psicoafetivos).

(*) St. Etienne Les Orgues — França. Licenciado em Educação Física Cinesioterapeuta/Psicomotricista Relacional. Formado em Psicomotricidade Relacional — Coordena estágios na Espanha, Itália, Brasil, Argentina.

* Licenciada em Educação Física; Especializada em Psicomotricidade — UFRGS; Especializada em Didática em Educação Física — UFC; Professora de Psicomotricidade na Universidade de Fortaleza.



Caixa de papelão: movimento, dinamismo e participação.

MATERIAIS E VIVÊNCIAS

Durante as sessões em psicomotricidade relacional, são utilizados diversos materiais, escolhidos, antecipadamente, pelo adulto, com o intuito de induzir nas crianças comportamento diversos (afeto, participação, regressão, agressão, encontro, prazer, etc.). Assim, cada material tem suas características específicas, por exemplo: a bola é usada como excelente objeto para despertar a noção de ritmo quando jogada no chão ou em outras bolas, atua como mediador das relações na troca à distância; a caixa de papelão de tamanhos e formas diferentes é um ótimo objeto para despertar na criança o desejo de estar "dentro", de ser acolhida, pode simbolizar a casa, lugar de proteção, ao mesmo tempo pode utilizá-la como carro e convidar o coleguinha para puxá-la. Pode-se utilizar outros objetos: cordas, grandes tecidos coloridos, papel, jornal, bambolês, tudo de papelão, água, terra colchões, almofadas.

As atividades realizadas nas sessões, não são impostas pelo adulto, isso impediria qualquer ato de expressão e criatividade por parte da criança; elas são descobertas e escolhidas espontaneamente pela criança no decorrer da sessão, bem como, a mudança para outra atividade.

Nessa posição, segue a idéia de Lapiere (1987, pág. 70), que diz: "o adulto se contenta em participar na ação da criança, seja imitando-a para iniciar uma relação, seja respondendo-lhe em complementariedade (se ela me bate intencionalmente com a bola, eu caio ou me dobro no chão numa atitude de autoproteção). É só quando a relação está estabelecida com uma criança que o adulto pode por sua vez fazer-lhe uma proposição gestual".

As sessões acontecem duas vezes por semana, com variação de 30 a 40 minutos, em uma sala arejada, com piso limpo e liso, que permita um contato com o solo, pois as vivências no chão têm uma especial importância.



Almofadas e tecidos: exploração, descoberta e criatividade.

BIBLIOGRAFIA

1. AUCOUTURIER, B.A **Prática Psicomotora. Redução e Terapia.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
2. COSTALLAT, D.M. **Psicomotricidade.** Rio de Janeiro, ed. Globo, 1985.
3. LAPIERRE, A e LAPIERRE, A. **Adulto Diante da Criança de 0 - 3 anos.** São Paulo, ed. Manole, 1987.
4. MAUDIRE, P. **Exilados da Infância Relações Criativas e Expressão pelo Jogo na Escola.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.